

Teo
Lite
rária



Arquivo recebido em
30/07/2016
e aprovado em
27/06/2017.

V. 7 - N. 13 - 2017

* Doutora em Ciências
Sociais pela PUC SP.
Professora na Universidade
de Taubaté (UNITAU).
Email: cristiane_cobra@
yahoo.com.br.

Ressignificação e Ortodoxia: poesia e religiosidade

Re-signification and Orthodoxy:
poetry and religiosity

*Cristiane Moreira Cobra**

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica e teórica sobre a poesia de Patativa do Assaré. Constata que o discurso poético constituído em sua obra aponta para elaboração de uma forma de contestação e resistência diante das desigualdades vivenciadas pelo seu grupo, que toma por referência a religiosidade cristã popular. Como elementos dessa poética resistente, ressaltamos a memória, a oralidade, a resignificação de conceitos instituídos pela ortodoxia da Igreja, bem como a abordagem de temas pertinentes aos membros desse grupo. A interpretação analítica dos poemas tem como referências a teoria literária de Alfredo Bosi, a ideia de metamorfose identitária desenvolvida por Ciampa, bem como as análises da cultura desenvolvidas por Renato Ortiz e Clifford Geertz. Patativa recorre ao imaginário religioso cristão católico como fonte de sentido e significado, revelando formas típicas da cultura popular de compreensão da religiosidade.

Palavras-chave: Patativa do Assaré;
ressignificação; hermenêutica;
resistência.

Abstract

This work is the result of a bibliographic and theoretical research about Patativa do Assaré's poetry. It ascertains that the poetical discourse presents in his work indicates the elaboration of contention and resistance concerning the inequality lived by his group, which uses the popular Christian religiosity as reference. The memory, orality, re-signification of concepts instituted by Church's orthodoxy as well as the approach of pertinent themes to the members of this group are emphasized as elements of his resistant poetry. The analytical interpretation of the poems is based on the literary theory of Alfredo Bosi, the idea of identity metamorphosis developed by Ciampa as well as the analysis of Culture developed by Renato Ortiz and Clifford Geerts. Patativa makes use of the Christian Catholic religious imaginary as source of sense and meaning. He reveals to the popular culture typical forms of understanding the religiosity.

Keywords: Patativa do Assaré; Re-signification; Hermeneutics; Resistance.

Introdução

As implicações sociopolíticas da doutrina tradicional da providência na cultura religiosa católica tem sido objeto de reflexão de diversos autores, bem como de crítica de grupos, tanto externos quanto internos ao catolicismo¹; o modo como a poética de Patativa do Assaré reinterpreta o conceito de 'Divina Providência' foi o problema de minha pesquisa durante o mestrado, e continua sendo uma questão a incomodar diversos pesquisadores.² Nesta pesquisa que deu origem à minha dissertação, depois publicada em artigos e também na forma de

1. Obras de autores teólogos católicos que discutem a questão da chamada Teologia da Libertação como:

BOFF, Leonardo. Teologia do cativo e da libertação. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo. BETTO, Frei. Mística e Espiritualidades. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação: perspectivas. Trad. Jorge Soares, 5ª edição. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1985.

2. Pesquisadores da área da Teologia como:

BRITO, Antonio Iraídes Alves de. Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. A Opção pelos Pobres na poesia de Patativa do Assaré. Dissertação de Mestrado defendida no PEPG em Teologia da PUC/SP, 2016.

livro³ analiso o discurso poético de Patativa do Assaré como autor de uma hermenêutica criativa representativa dos sertanejos nordestinos e de seu contexto; discuto como Patativa passando por temas pertinentes ao sertão, em sua obra revela a força do catolicismo popular e um modo próprio do sertanejo sentir e pensar sobre 'Deus' e a 'Divina Providência', modo este que está diretamente ligado às suas experiências sociais, bem como suas concepções a respeito das ideias de justiça, de igualdade e de responsabilidade. O principal autor tomado como referência teórica é Alfredo Bosi, principalmente por sua consideração (conceituação) da poesia como uma forma de resistência. Ele afirma que o poeta é caracterizado como o doador de sentido, mas que, no mundo moderno, ocorre uma cisão, restando à poesia o papel de aguçar a consciência dessa contradição do sentido, pois não se integra mais aos discursos correntes na sociedade. De acordo com o autor, "o poema pode ter o papel de acender no homem" ou de revelar o inconsciente desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela e, sendo assim, a poesia traduz em sons e símbolos essa realidade pela qual ou contra qual vale a pena lutar.⁴ Patativa, em toda sua obra, constitui diversas vozes representativas do olhar sertanejo nordestino para diversos temas, nalguns poemas revela-se um eu poético contemplativo que admira a natureza e percebe o mundo através dos sentidos, revelado em versos como os que se seguem.

ABC NEM BEABÁ

no meu livro não se incerra.
O meu livro é naturá
é o má, o céu e a terra,
cum a sua imensidade.
Livro cheio de verdade,
de beleza e de primô,
tudo incadernado, iscrito
pelo pudê infinito

3. Artigo: Autor

Livro: Autor

4. BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

do nosso Pai Criadô⁵

Noutros poemas o autor confirma sua admiração contemplativa pela natureza, sua percepção do livro da natureza, ressaltando sempre a autoria divina desse registro de beleza e verdade; Patativa reforça a presença divina em todos os elementos da natureza. O poeta, em outros de seus inúmeros poemas, apresenta ainda um eu poético intérprete do mundo, se mostra tradutor da realidade numa linguagem poética popular, apresentando significados próprios para realidade vivida; temos um exemplo destes no poema abaixo, famoso e reconhecido, que teve o título usado pelos cientistas da SBPC como lema de seu encontro em 1979.

CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

(...)

Você é munto ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.

Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.

Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.
Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de oro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.

Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão dereito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.

E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

(...)

5. ASSARÉ, Patativa do. Ispinho e fulo. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto/Imprensa Oficial do Ceará, 1988, p.67.

Canto as fulô e os abróio
 Com todas coisa daqui:
 Pra toda parte que eu óio
 Vejo um verso se bulí.
 Se as vez andando no vale
 Atrás de curá meus male
 Quero repará pra serra,
 Assim que eu óio pra cima,
 Vejo um diluve de rima
 Caindo inriba da terra.
 Mas tudo é rima rastêra
 De fruita de jatobá,
 De fôia de gamelêra
 E fulô de trapiá,
 De canto de passarinho
 E da poêra do caminho,
 Quando a ventania vem,
 Pois você já tá ciente:
 Nossa vida é deferente
 E nosso verso também(...)⁶

Patativa produz sua hermenêutica popular, reinventa os modos de ser do povo sertanejo nordestino, propõe novos modos de viver e ordena através de sua linguagem poética as coisas e o mundo; na fluidez de seus versos doa sentidos à realidade e, por conta disso, encontra ressonância entre seus pares e consegue que sua voz seja ecoada desde o sertão para o Brasil e o mundo. Na diversidade temática e interpretativa de sua produção Patativa revela também um eu que reinterpreta e cria, que produz sentido e faz de todo e qualquer objeto, um objeto artístico, como no trecho do poema que segue.

O INFERNO, O PURGATÓRIO E O PARAÍSO

Pela estrada da vida nós seguimos,
 Cada qual procurando melhorar,
 Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
 Desejamos, na mente, interpretar,
 Pois nós todos na terra possuímos
 O sagrado direito de pensar,
 Neste mundo de Deus, olho e divisio

6. ASSARÉ, Patativa do. Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, Crato, Fundação Pe. Ibiapina, 1992, pp.25-29.

O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.
 Este Inferno, que temos bem visível
 E repleto de cenas de ternura, (sic)
 Onde nota-se o drama triste horrível
 De lamentos e gritos de loucura
 E onde muitos estão no mesmo nível
 De indignância, desgraça e desventura,
 É onde vive sofrendo a classe pobre
 Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

(...)

Mas acima é que fica o Purgatório,
 Que apresenta também sua comédia
 E é ali onde vive a classe média.
 Este ponto também tem padecer,
 Porém seus habitantes é preciso
 Simularem semblantes de prazer,
 Transformando a desdita num sorriso.
 E agora, meu leitor, nós vamos ver,
 Mais além, o bonito Paraíso,
 Que progride, floresce e frutifica,
 Onde vive gozando a classe rica.
 Este é o Éden dos donos do poder,
 Onde reina a coroa da potência.
 O Purgatório ali tem que render
 Homenagem, Triunfo e Obediência.
 Vai o Inferno também oferecer
 Seu imposto tirado da indignância,
 Pois, no mastro tremula, a todo instante,
 A bandeira da classe dominante.

(...)

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
 Pobres, médios e ricos potentados,
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.
 Não são versos com ouro burilados,
 São singelos, são simples, sem beleza,
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
 Com certeza, verdade e muito siso,
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.⁷

Patativa discute religiosidade, valorização da vida, restauração de valores humanitários e consciência crítica em seus versos, propõe pensar diante da nossa sociedade desigual; para além da importância artística e criativa desse poeta do sertão, a universalidade de sua poética se deve certamente ao conteúdo ético presente em seu discurso.

7. Idem, pp. 43-47.

Cordel, poesia e religiosidade popular

A relação entre a poesia popular de cordel e a religiosidade é bastante longa, líderes religiosos como Antonio Conselheiro, Padre Cícero, Padre Henrique e Frei Damiano são temas recorrentes na produção de diversos poetas populares de cordel, bem como também na obra de Patativa do Assaré; além disso, pesquisadores como Mark Curran e outros afirmam que o primeiro grande evento histórico brasileiro registrado em cordel de modo quase simultâneo foi a Guerra de Canudos, revolta de origem religiosa, registrada por um poeta soldado participante da campanha, chamado João Melquíades.⁸

Gilmar de Carvalho, grande pesquisador da obra de Patativa, discute num capítulo de livro lançado no ano do centenário de nascimento do poeta as questões referentes ao cordel e a consideração daquilo que definiria esta produção, bem como as características da produção de Patativa; considero como este pesquisador que as ressignificações, elaboradas por Patativa, de conjuntos de narrativas e visões de mundo de tempos imemoriais são cordel.⁹ Noutro livro publicado recentemente pelo selo Sesc, o mesmo Gilmar de Carvalho afirma e comenta aspectos com os quais concordo profundamente, a reprodutibilidade técnica possível cada vez mais, desde a época em que Patativa estava vivo e na atualidade só aumenta as possibilidades de descoberta da vasta obra do poeta; cada audição de LPs ou de áudios disponíveis, cada filme, entrevista ou foto desvela novos modos de ler um mesmo poema, com novas camadas de emoção, e claro que o grande momento da performance viva e ao vivo se perdeu desde 2002 quando Patativa se foi.¹⁰

8. CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2ª Ed., São Paulo: EDUSP, 2003.

9. CARVALHO, Gilmar de. *Folhetos de Patativa do Assaré*. In.: ARRUDA, Inácio (org.). *Patativa do Assaré: Poeta Universal*. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009, p.36.

10. Na letra S de Saudade do ABC proposto no texto de Gilmar de Carvalho e recheado de tão belíssimas fotos de Tiago Santana, há os comentários sobre a reprodução técnica da obra.

CARVALHO, Gilmar de. SANTANA, Tiago. *Patativa do Assaré: o sertão dentro de mim*. 1ª edição. Fortaleza/CE: Editora Tempo d'Imagem; São Paulo: SESC SP, 2010.

Na obra de Patativa transparecem elementos da religiosidade popular, formula-se uma imagem de mundo através de símbolos populares e de ressignificações populares para símbolos já existentes no catolicismo tradicional, o poeta assume certa função interpretativa da realidade e elabora um discurso que se faz poético-profético; seu discurso supre necessidades individuais e coletivas do povo sertanejo nordestino, envolve contestação da realidade, resistência às injustiças e ressignificação de ideias como a de 'Divina Providência'.

O imaginário cristão católico com base nas sagradas escrituras é a fonte de sentido desta poética sertaneja de Patativa, entretanto revelam-se em seus poemas a reelaboração popular, própria do sertanejo nordestino, as particularidades da visão de mundo sertaneja traduzem-se em resistências às ideologias dominantes, em criatividade nos modos de enfrentar situações históricas e sociais; o poeta-profeta elabora o passado e as tradições, considerando o presente de modo crítico e anunciando esperança no futuro como utopia, assume o papel de ser a voz de seu grupo, torna-se referência para a constituição e fortalecimento da identidade sertaneja nordestina.

A sabedoria popular e as superstições relacionadas a presságios são temas presentes na poesia de Patativa do Assaré, apesar da ortodoxia da Igreja Católica desconsiderar tais práticas, a religiosidade popular mantém as crenças em cantos agourentos descritos pelo poeta em seus versos

A FESTA DA MARICOTA

(...)

E tem bichinho servage
Que, com a sua language
E a musga da sua voz,
Conta tudo certo e exato,
Apois tem bicho no mato,
Que sabe mais do que nós.

(...)

No fundo de um cafundó,
Uma cõa gargaiaiva,

Gargaiava e agôrava,
 Na copa de um pau-mocó.
 (...)

 Veja a côa como sabe!
 É como eu digo ou não é?
 Ela, quando gargaiava,
 Com certeza me contava
 Que a desgraça ia se dá,
 Mas porém ninguém compreende,
 Ninguém sabe nem entende
 A língua dos animá.¹¹

Noutro de seus poemas, Patativa ressaltava ainda as divergências entre a sabedoria popular e outros saberes, os hábitos e costumes, as festividades, as práticas das simpatias e outros elementos que compõem o imaginário religioso popular. Na poética de Patativa fica clara a formulação de uma imagem de mundo, através de símbolos populares, de ressignificações populares para símbolos já existentes no catolicismo tradicional, imagem essa que abarca ambiguidades e lhes dá sentido, tanto individual, quanto coletivamente, como afirma Clifford Geertz.¹²

NO MEU SERTÃO

(...)
 É munto mais boa a vida
 Da minha gente matuta,
 Lá onde tudo é sossego,
 Lá onde ninguém escuta
 Essa zoada mardita,
 E onde também se acredita
 E se crê de coração
 Em muita coisa da vida
 Que essas pessoa sabida
 Chama de suprestição

(...)
 A gente do meu sertão
 Tem a vida acotelada.
 Nas noite de sexta-feira

11. Trecho do poema 'A festa da Maricota', contido na obra ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003.

12. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Caçado não faz caçada,
Temendo grande desgraça.
No meu sertão ninguém passa
Entre dois pau de portêra,
Pois é grande o sacrificio,
Se arrisca a pegá feitiço
Da gente catimbózeira.

E nas noite de São João
As moça casamentêra
Leva uma bacia d'água
Bem pra junto da foguêra,
E ali, com munta prudênça
Vão fazê esperiência
Sobre o futuro que vem,
Deitando a sorte nas braza
Promode sabê se casa
Com os moços que elas qué bem.
(...)¹³

Nascido sertanejo, Patativa é influenciado por tradições dos trovadores, dos repentistas, dos violeiros e da literatura de cordel; faz-se poeta testemunha de um modo de vida, tipicamente rural, que reivindica valores e elabora sua própria identidade. Descreve a vida cotidiana no sertão, mas, principalmente, protesta e propõe o reconhecimento da dignidade e da integridade do povo sertanejo.

Sob essa condição de herdeiro de toda uma tradição nordestina, Patativa elabora sua obra, inicialmente marcada pelo aspecto lúdico e comemorativo, com poemas associados a acontecimentos sociais, fatos religiosos, festas de casamento e de padroeiros; como improvisado declamado em momentos diversos do cotidiano, ato efêmero e circunstancial, livre da rigidez e permanência do escrito, portanto, tipicamente oral.

Essas características originárias da poética de Patativa, no entanto, permanecem mesmo depois da transcrição e da passagem de seus poemas para o registro escrito, em que elementos da oralidade permanecerão intactos, talvez como marca essencial de sua poesia. O recurso

13. Trecho do poema 'No meu sertão', contido na obra ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003.

sistemático do emprego da língua como é falada, do estilo e pronúncia populares, denominado por alguns uso da língua cabocla, representa uma dessas principais marcas.

Outra tradição da religiosidade popular sertaneja nordestina é a de acender fogueiras em louvor a São João, principalmente em Caruaru, mas sendo prática recorrente em toda região nordeste que aparece nos versos de Patativa do Assaré como título e tema de um de seus poemas.

A FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

(...)
 É tão grande, é tão imensa
 A minha fé e minha crença,
 Que se Deus me dé licença,
 Quando eu morrê, vou levá
 Grosso fecho de madêra
 De angico e de catinguêra,
 Pra fazê uma foguêra
 Lá no céu, quando eu chegá.¹⁴

Revelando sua atenta e aguçada capacidade crítica, Patativa do Assaré fez também poemas que discutem as divergências entre o imaginário religioso popular e os modos da devoção instituídos pela ortodoxia da Igreja Católica, seu poema traz sentidos e significados próprios dos sertanejos nordestinos, revela incongruências entre o Catolicismo Clerical e o Popular, entre as práticas dos rezadores/benedeiras e as práticas de sacerdotes, questiona os critérios de validação da santidade também mudanças relacionadas a novas imagens de Cristo.

O PADRE E O MATUTO

O digno padre Luís,
 Graças à sua bondade,
 Aqui na nossa cidade
 Tem sido muito feliz.
 Quando prega na Matriz,
 Seu sermão tem um encanto

14. Trecho do poema 'A fogueira de São João', contido na obra ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003.

Que do triste enxuga o pranto,
 Ao fraco dá esperança;
 Ali pela vizinhança
 Muitos lhe chamam de santo.

(...)

Dali um pouco afastado,
 Em uma pobre arapuca,
 Habita o Cinco Mutuca,
 Um camponês atrasado,
 À igreja conchegado,
 Fervoroso rezador,
 Porém com o confessor
 Muito desgostoso andava,
 Em Cristo Rei não creiava
 Nem para fazer favor.

Dizia ele zangado:
 -- “Eu creio é no Bom Jesus,
 Que morreu por nós na cruz,
 Pra nos livrá do pecado!
 Cristo Reis foi inventado
 Lá no Rio de Janêro,
 Nem a troco de dinhêro
 Eu nele não tenho fé,
 Pois eu sei que ele não é
 O nosso Deus verdadêro”.

(...)

-- “Muié, amenhá bem cedo
 Você perpare o armôço
 Que o serviço vai sê grosso,
 Discussão não é brinquedo!
 De padre eu não tenho medo,
 Conheço a lei do Senhô,
 Dizê ao vigaro eu vou
 Que o Cristo Reis tão falado
 Não ta no livro sagrado
 Que eu herdei do meu avô”.

(...)

-- “Seu vigaro, é uma históra
 Que anda na boca do povo,
 Sobre um ta de Cristo novo
 Que os padre inventou agora.
 Credo em cruz! Nossa Senhora!
 Vá descurpando o senhô,
 Mas porém é um horrô
 O que faz vossemincêis,

Afirmá que o Cristo Reis
É o nosso Redentô!”
(...)

-- “Portanto, Chico, você
Se defenda do perigo,
Nas palavras que te digo
Grande verdade se lê.
Ai daquele que não crê
Neste título honroso!
Em vez de supremo gozo
E santa felicidade,
Terá lá na eternidade
Um sofrimento horroroso!”¹⁵

O que ocorre em toda a trajetória, bem como em toda obra de Patativa, é a transposição de um discurso oral e performático para a rigidez e a permanência do registro escrito; seus poemas memorizados e declamados com fluidez em locais públicos, como feiras e também no rádio, adquirem, com a fixação escrita, a possibilidade de permanência temporal e de expansão espacial, ampliando seu público através da leitura.

Essa poética, baseada em códigos da oralidade, reafirma a importância da voz, já que se caracteriza como uma produção para ser dita/cantada ou lida em voz alta; a realização em plenitude dessa poesia envolve a performance, o gesto, o corpo todo em expressão.

Os estudos que constituíram um exame crítico da ideia de oralidade, em diferentes regiões do mundo, analisaram o funcionamento da voz poética, chegando à conclusão de que a performance oral é o único modo eficaz de comunicação poética e se caracteriza como um fenômeno heterogêneo; porém, elaborou-se uma hipótese de relação entre essa performance oral e a leitura como espécie de continuidade baseada no

15. Trechos do poema ‘O padre e o matuto’, contido na obra ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003, pp.224-231.

desejo.¹⁶

Para além dos diversos elementos de religiosidade popular elaborados pela poética de Patativa, revelando-se a fragmentação e a ambiguidade de sua visada popular, sob as formas ora de recusa, ora de reinvenção, de elementos similares, um fator marcante e peculiar é sua reinvenção do conceito de Providência Divina.

Patativa rejeita a hipótese de que o sofrimento do povo sertanejo possa ser atribuído a Deus ou ao pecado, como pagamento por alguma dívida; sua visão a respeito da Divina Providência diverge completamente dessa hipótese do sofrimento como sina ou destino do povo sertanejo; afirma que todos possuem a razão, dom de Deus, sendo ingratos e opressores aqueles que negam os direitos aos demais.

Para Patativa, não é Deus quem castiga ou a seca que obriga o sertanejo à sentença de sofrimento; ao contrário, são as injustiças, a indiferença e a exploração dos próprios humanos, permanecendo clara essa sua visão das injustas condições de vida do sertanejo em diversos poemas (Assaré, 2001), como, por exemplo, no poema que segue:

A TRISTE PARTIDA

[...]
 Entonce o rocêro, pensando consigo,
 Diz: isso é castigo!
 Não chove mais não
 [...]
 Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,
 Lhe foge do peito
 O resto da fé¹⁷

Como um profeta, o poeta Patativa é voz que aponta para a possibili-

16. "A performance é outra coisa. Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, [...] designa um ato de comunicação como tal"

Trecho contido na obra ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Educ, 2000, p. 59.

17. Trecho do poema "A triste partida", musicado por Luiz Gonzaga posteriormente, contido na obra ASSARÉ, P. e outros. Balceiro Três. Crato: Ed. A Província, 2003, pp. 51-54.

lidade de um futuro melhor se os humanos atentos para sua realidade, com os pés no chão das suas reais condições lutarem e agirem visando transformação das condições injustas e desiguais; a partir desta análise considero que Patativa reelabora, ressignifica e reinventa, através de sua poética, o modo de sentir e pensar sobre o sertão, sobre a vida, sobre a realidade social de seu povo, principalmente ao ressignificar o modo de sentir e pensar sobre 'Deus'.

Conhecer e reinterpretar o passado, fazer a crítica do presente e dar sentido ao futuro coincide com o desenvolvimento humano no tempo, enquanto processo identitário, já que a identidade se transforma e vai se concretizando pelas novas relações sociais nas quais se enreda, de acordo com as reflexões de Antonio da Costa Ciampa¹⁸, psicólogo pesquisador que estudou a constituição identitária humana, e considera importante para o ser humano, transformar as determinações exteriores em autodeterminações, elaborar unidade entre subjetividade e objetividade; essa capacidade humana de autodeterminação supõe uma finalidade, um objetivo, um projeto que pode ser individual e também coletivo, como é o caso do projeto de vida vislumbrado poeticamente para o povo nordestino por Patativa.

A consideração de seu discurso poético como profético decorre tanto de sua importante formulação das determinações exteriores em autodeterminações, num projeto que se traduza como perspectiva de futuro para o sertanejo nordestino individualmente e enquanto classe, como também por sua forte ligação ao passado e à tradição, criticamente consciente do presente e esperançosa diante do futuro.

A ressignificação da ideia de 'Deus' e de "Divina Providência" pela via poética de Patativa se mostrou prática que traduz a visão de mundo sertaneja nordestina, que faz a interpretação dos modos de pensar do povo, destaca sua 'teologia' elaborada com os pés na realidade, de

18.CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2001.

modo crítico e esperançoso.¹⁹

O discurso poético ou a representação, seja ela qual for, não é passiva, nem mecânica e nem estática, com bem afirma Alfredo Bosi, as temáticas recorrentes no quadro social de uma época ou em um autor, como Patativa, revelam consciência da situação vivida, desmascaram ações reificadas e denunciam imposturas convencionalizadas. Os textos literários podem ser caracterizados como reflexo e também como reflexão, como espelho e também como resistência, a depender de sua historicidade; histórico é o que ficou na consciência, e a memória é a responsável por manter vivo esse passado, acrescentando-lhe o estatuto de consciência histórica.

Renato Ortiz considera memória coletiva como aquela que tem no grupo a unidade de referência, grupos diversos, ocasionais ou permanentes, possuindo características comuns e comunidades de lembranças; lembrar, nesse caso, atualiza fatos, situações, acontecimentos vivenciados e partilhados por todos do grupo, o empenho dessa memória coletiva é lutar contra o esquecimento, ocorre aí um entrelaçamento entre comunidade e memória.²⁰

No caso da poética de Patativa, além da memória, outro fator importante é a perspectiva de futuro presente em seus versos, a utopia que se revela num projeto, através de sua atitude profética; seu discurso além de resgatar o vivido, atribuindo significado a determinados elementos, resgatando a autoestima de seu grupo social e propondo novos elementos identitários a esse grupo, propõe ainda um projeto comum de futuro.

Segundo Muniz Sodré o discurso profético é a palavra de um porta-voz que representa estruturas imutáveis e intemporais, reflete a voz do

19.Como exemplo, cito o fato de que o próprio Dom Hélder Câmara solicitou ao poeta Patativa que fizesse um poema sobre a Teologia da Libertação, movimento religioso católico que tinha como foco os pobres, marginalizados, excluídos e oprimidos, tal movimento frisava o compromisso da Igreja Católica junto a estes grupos e deste pedido nasceu o poema 'O padre Henrique e o dragão da maldade', segundo pesquisadores.

20.ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

Absoluto, é como a Boca de Deus; ocorre que esse discurso profético-religioso tem uma força moral e transmuta-se, eventualmente, em revolta política.²¹

O discurso poético-profético elaborado por Patativa diverge daquele reproduzido e inculcado pela instituição católica em alguns aspectos; apesar de sua base cristã católica e da enorme influência dos valores morais estabelecidos pela instituição na obra do poeta, faz-se necessário ressaltar a originalidade de sua interpretação hermenêutica do conceito de Providência, considerando ainda que a conceituação de um Deus pai, providente e totalmente responsável pelo destino da existência humana, não poderia coincidir com o discurso poético utópico e libertário como o de Patativa do Assaré.

São inúmeros os poemas ou trechos de poemas de Patativa que ressaltam uma elaboração popular da doutrina da Providência; podemos, inclusive, afirmar essa como uma das principais temáticas, senão a principal, levantada de modo recorrente pelo poeta.

VIDA SERTANEJA

[...] Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino [...].
Canto a vida desta gente
Que trabáia até morrer
Sorrindo, alegre e contente,
Sem dá fé do padecê, [...]
[...]
E, como nada conhece,
Diz, rezando a sua prece:
Foi Deus que ditriminou!
Pensando assim desta forma,
Resignado, padece;
Paciente, se conforma
Com as coisa que acontece.
Coitado! Ignora tudo,
Pois ele não tem estudo,

21. SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Também não tem assistência.
 E por nada conhecê
 Em tudo os camponês vê
 O dedo da Providença [...]²²

Patativa inicia o poema acima fazendo elogios à força trabalhadora do sertanejo, valorizando esse povo sofrido e colocando-se irmanado às mágoas de seu povo; retrata e reforça a identidade, os valores e as crenças desse povo, enaltecendo os preceitos cristãos respeitados por eles.

Contudo, Patativa ressalta e denuncia as injustiças sociais que são, muitas vezes, vistas pelo povo como desígnio divino, Providência. O poeta percebe que as condições desfavoráveis de vida do pobre permanecem e sobressaem as posturas resignadas, decorrentes da doutrina tradicional da Providência que foi inculcada à mentalidade popular.

CABOCLO ROCEIRO

Caboclo roceiro das plagas do norte,
 Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
 A tua desdita é tristonho que canto,
 Se escuto teu pranto, me ponho a chorar.
 Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
 És rude, cativo, não tens liberdade.
 A roça é teu mundo e também tua escola,
 Teu braço é a mola que move a cidade.
 De noite, tu vives na tua palhoça,
 De dia, na roça, de enxada na mão,
 Julgando que Deus é um pai vingativo,
 Não vês o motivo da tua opressão.
 Tu pensas, amigo, que a vida que levas,
 De dores e trevas, debaixo da cruz
 E as crises cortantes quais finas espadas,
 São penas mandadas por Nosso Jesus.
 Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
 Um pobre inocente no banco do réu.
 Caboclo, não guardes contigo esta crença,
 A tua sentença não parte do céu.
 O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,
 Não fez, neste mundo, o teu lado infeliz.

22. Trechos do poema "Vida Sertaneja" encontrado na obra de ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, Crato, Fundação Pe. Ibiapina, 1992, pp. 75-78.

As tuas desgraças, com tuas desordens,
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.
A Lua te afaga sem ter empecilho,
O sol o seu brilho jamais te negou,
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.
De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia na roça, de enxada na mão.
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.²³

Conclusões

Alfredo Bosi supõe vários caminhos de resistência poética, entre os quais o da poesia mítica como aquela que responde ao presente res-sacralizando a memória como base da infância recalçada, na qual as figuras da infância e da tradição assumem sentido encantador, proporcionando o reencontro do adulto com o mundo mágico da criança. E, ao deparar-nos com versos de Patativa, como não reconhecê-lo um, também, poeta mítico que proporciona o encontro com o mundo mágico da criança nordestina?

Como poesia mítica, a obra de Patativa se enquadra, pois recupera figuras e sons, faz-se poesia da natureza e da saudade, revelando o poeta como uma consciência que se volta para aquilo que não é, ainda, consciência; ao falar da natureza, das plantas e dos bichos como o Jumento, dos maquinários, das ferramentas, de algum pássaro ou outro animal, Patativa se mostra um representante dessa poesia mítica, marcada pela resistência ao tempo do domínio e do cálculo no qual vivemos.

Através da definição de poesia sátira, épos revolucionário e poesia utópica propostas por Alfredo Bosi, é possível analisar e perceber também afinidades com a poética de Patativa do Assaré. Nessa linhagem da poesia, segundo o autor, o modo de resistência preferido é o ataque, no qual o poeta-profeta busca atingir diretamente as circunstâncias de seu

23. *Idem*, pp.99-100.

momento, vivendo uma constante tensão, recusando seu presente e, apresentando através da imagem e do desejo, uma invocação ao futuro aberto de possibilidades. Patativa como poeta-profeta revela em seus versos o agora, de seu tempo, mas move-se na direção do ainda não, como antecipação do novo tempo, de um futuro utópico. No entanto, somente o contexto da obra poética pode ajudar-nos a decifrar se essa crítica-sátira é conservadora ou realmente revolucionária, se essa palavra poética clama ao passado ou ao futuro; e qual a relação proposta entre recusa e utopia.

Segundo Bosi, o lugar de onde se move uma autêntica sátira-crítica constitui-se como um topos negativo, caracterizado pela recusa aos costumes, à linguagem e ao modo de pensar corrente. E, nesse ponto exatamente, como não identificar de imediato a poesia de Patativa como um discurso que ecoa a partir de um topos negativo?; que critica novos costumes e valoriza a moral tradicional, que se coloca numa linguagem totalmente própria e singular como representante de um grupo ou classe definida e que recusa o modo de pensar e agir correntes em seu tempo e crê num novo tempo. Nos diversos poemas de Patativa é possível notar características desse topos negativo, seja ao comentar de modo crítico os costumes modernos, que contrariam a moral tradicional, seja através de sua linguagem matuta, marcada pela oralidade, ou ainda ao criticar diretamente o modo de pensar de seus contemporâneos, através da poesia.

A forma de contestação que transparece na poética de Patativa varia, desde manifestações de uma poesia mítica e de uma sátira crítica, até culminar em uma poesia utópica e profética; relevante para a reflexão a que se propõe esse estudo, no entanto, é considerar que todas essas variantes presentes na obra poética de Patativa traduzem certa resistência através do discurso. Sendo resistência um conceito originariamente ético e não estético, segundo Alfredo Bosi, adotar esse termo exige-nos certa cautela; a resistência na narrativa, segundo Bosi, comumente surge como tema ou como processo inerente à escrita. Em Patativa, a re-

sistência revela-se nos temas, bem como na tessitura da escritura de seus poemas, no uso da linguagem como demonstração e valorização de uma condição de classe. Intuição e desejo fundamentam a arte poética de Patativa sem, entretanto, inibirem a força cognitiva de sua compreensão de mundo e de sua vontade ética, extremamente consciente dos critérios da realidade sertaneja e dos ditames da coerência entre sua condição de sertanejo e de sua libido de poeta. Enfocar os elementos de resistência incutidos na poética de Patativa implica considerar um objeto estético sob aspectos éticos; fruto da libido artística que envolve intuição e desejo a poesia enquanto discurso traduz em si também uma visão de mundo baseada em certos valores e princípios éticos.

Referências Bibliográficas

- ASSARÉ, P. e outros. Balceiro Três. Crato: Ed. A Província, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, Crato, Fundação Pe. Ibiapina, 1992.
- ASSARÉ, Patativa do. Inspiração Nordestina: cantos de Patativa. São Paulo: Hedra, 2003.
- BOFF, Leonardo. BETTO, Frei. Mística e Espiritualidades. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.
- BOFF, Leonardo. Teologia do cativo e da libertação. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1980.
- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRITO, Antonio Iraildes Alves de. Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.
- CARVALHO, Gilmar de. Folhetos de Patativa do Assaré. In.: ARRUDA, Inácio (org.). Patativa do Assaré: Poeta Universal. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009.
- CARVALHO, Gilmar de. SANTANA, Tiago. Patativa do Assaré: o sertão dentro de mim. 1ª edição. Fortaleza/CE: Editora Tempo d'Imagem; São Paulo: SESC SP, 2010.
- CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2001.

- CURRAN, Mark J. História do Brasil em Cordel. 2ª Ed., São Paulo: EDUSP, 2003.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação: perspectivas. Trad. Jorge Soares, 5ª edição. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1985.
- ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SODRÉ, M. Antropológica do espelho. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TAVARES, Emerson Sbardelotti. A Opção pelos Pobres na poesia de Patativa do Assaré. Dissertação de Mestrado defendida no PEPG em Teologia da PUC/SP, 2016.
- ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Educ, 2000.